

EU VI O PORTUGAL AFRICANO

VII - LOURENÇO MARQUES

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Tendo voltado de Nova Lisboa a Luanda onde passei uma tarde e onde tive o prazer e a honra de ser recebido pelo Governador Geral da Província de Angola, tendo narrado a S. Excia. as minhas impressões sobre o território, que dirigia, e que são aquelas que os leitores de o "JORNAL DE PORTUGAL" tomaram conhecimento nos seis artigos anteriores, que escrevi sobre o Portugal Africano, parti, no dia seguinte para Moçambique, com destino à sua capital, Lourenço Marques.

A viagem, que se inicia, num Boeing da Sabena até Salisbury, capital de Rodésia do Sul e continua num Super Constellation da TAP até Lourenço Marques é das mais bonitas quando feita durante o dia. O dia em que viajamos, ensolarado, permitiu ver a África cruzada de oceano a oceano em todo o seu esplendor fascinante.

Lourenço Marques é a mais formosa cidade de toda a África, no entender daqueles que conhecem o continente. E realmente estes "conhecedores" tem razão, porque raramente, em minhas viagens, tive a oportunidade de visitar cidade tão aprazível, acolhedora, limpa, estética, com arborização e arquitetura tão harmonica, que parece ter sido toda ela construída por um unico e genial artista.

Lourenço Marques é a cidade turística, por excelência da África Indica. De todos os países africanos e de muitos países asiáticos chegam, diariamente, inumeras viajantes para usufruírem a hospitaleira capital dos portugueses de Moçambique.

Lourenço Marques, entretanto, não é apenas uma cidade turística. É também um dos maiores portos da região. Tem um caminho de ferro dentro do Cais com tantos quilómetros quanto o do porto de Santos. O porto de Lourenço Marques é o escoadouro natural dos países africanos sem saída para o mar, como a Zâmbia Rodésia do Sul, Malawi e outros, os quais utilizam ora este, ora o porto da Beira.

Os Estudos Gerais Universitários estão instalados desde 1962 na capital Moçambicana.

Eu tive a oportunidade, a convite do Magnífico Reitor da Universidade de conhecer as instalações das diversas faculdades, que compõem os Estudos Gerais, assim como entrar em contacto com os professores de cada uma delas.

Sem intuito de exageros desnecessários, posso dizer, com a maior tranquilidade, que estas são as faculdades, no mundo, tão bem aparelhadas quanto aquelas de Lourenço Marques. Principalmente, as faculdades que ministram conhecimentos sobre ciências matemáticas, são dotadas de equipamento dos mais modernos.

Se alguns procuram justificar a moderníssima aparelhagem dos diversos estabelecimentos de ensino, sobre a alegação de que sendo todas as faculdades recentes puderam, por esta razão equiparem-se desta maneira, mérito maior não havendo, portanto, neste fato, responderia que, em verdade, outras faculdades tão recentes não tem este cuidado, por falta de interesse em seus governos em dotarem as verbas necessárias para os equipamentos.

Assim sendo, o mérito maior é a compreensão das autoridades da necessidade de formação das futuras gerações dirigentes, das futuras elites em termos de apresentar o que de melhor, de mais moderno, de mais perfeito o ensino universitario possa ter, no mundo em que vivemos.

Esta pujante demonstração de realidade presente e perspectiva futura é uma das notas entusiasmantes da moderna capital moçambicana.

Outra, como, por exemplo, os seus hotéis à beira mar, seus restaurantes surpreendentes suas avenidas largas bem pavimentadas, bem estudadas, bem arborizadas, seus prédios públicos, seus clubes, os prédios de apartamentos para os trabalhadores de qualquer origem ou categoria social, seus bancos, com agências magníficas, da qual o Banco Ultramarino possui a mais espetacular sede que já tive oportunidade de ver em qualquer banco, em qualquer país, seus estabelecimentos, seus parques, seus pontos turísticos, enfim todo este mundo de detalhes que formam a beleza da linda cidade são notas que sensibilizam o estrangeiro, que pisa Lourenço Marques, saindo de um extremo Atlântico para ir ao início do Oceano Indico.

Para o brasileiro é agradável ouvir o nativo falando o português, de uma forma brasileira. O dialeto nativo facilita ao negro moçambicano aprender o português, acentuando as palavras como fazem os seus irmãos brasileiros.

Para o brasileiro também causa satisfação sentir este Portugal Indico tão semelhante a nós como o Atlântico e onde o carinho pelos brasileiros não perde em intensidade e em dimensão nada do que eu já vivera na Metrópole ou em Angola.

Aliás, o Consul Geral do Brasil em Moçambique, diplomata dos mais conceituados na Província e com livre penetração em todas as áreas, tem podido testemunhar este tipo de relacionamento e de confiança no futuro, que faz de Lourenço Marques, capital de um novo e brilhante Portugal plantado no Indico Sul.